

UMA REFLEXÃO ENTRE O “CAVALEIRO DAS TREVAS” E O EXISTENCIALISMO

ONE REFLECTION ON THE “KNIGHT OF THE DARKNESS” AND THE EXISTENTIALISM

Luiz Roberto Prandi¹
André Ulysses de Salis²
Shesmman Fernandes Barros de Melo³
Rafaela Batista Santarosa⁴

PRANDI, L. R.; SALIS, A. U.; MELO, S. F. B.; SANTAROSA, R. B. Uma reflexão entre o “cavaleiro das trevas” e o existencialismo. *Akrópolis*, Umuarama, v. 16, n. 3, p. 193-198, jul./set. 2008.

RESUMO: Desde a antigüidade, os meios utilizados para se compreender a realidade decorrem da análise lógica dos fatos. Assim, a subjetividade do imaginário e, conseqüentemente, das imagens, foram sendo gradualmente banidas da intelectualidade ocidental. Contudo, a fixação de um pensamento, sem a representação das imagens, e uma rejeição dos valores e benefícios do imaginário, terminou por gerar uma resistência no próprio ocidente. O objetivo deste artigo consiste em demonstrar como o imaginário e a imagem, elementos de significativa relevância no discurso quadrinizado, podem refletir determinados aspectos de uma mentalidade filosófica, como o existencialismo, por meio das histórias em quadrinhos e, especificamente, da cronologia quadrinizada do personagem Batman, também conhecido como o “Cavaleiro das Trevas”. A base filosófica para o existencialismo é a de que o homem é construtor de si mesmo e do mundo. Com este entendimento, utilizou-se a fictícia trajetória de vida do Batman, um homem comum que, devido a uma grande tragédia, decidiu passar por anos de aprimoramento, transformando-se em um Super-Herói, para construir um paralelo entre a história do personagem e a abordagem desta filosofia.

PALAVRA-CHAVE: Batman; Existencialismo; Imaginário; Quadrinhos.

ABSTRACT: Since ancient times the means used to understand reality have resulted from the logical analysis of facts. Thus, the subjectivity of the imaginary and, consequently, images, were gradually banished from Western intellectuality. However, the establishment of a thought without the representation of images and the rejection of values and benefits of the imaginary one has resulted in resistance by the West itself. The objective of this article consists on demonstrating how imaginary and image, both elements of significant relevance in the comics discourse, may reflect on some aspects of a philosophical mentality, such as the existentialism, by comics and specifically, the comics chronology of Batman, also known as the “Knight of the Darkness”. The philosophical base of existentialism is that the man builds up himself and the world. Based on this understanding, the fictitious trajectory of Batman’s life, a common man, who due to a terrible tragedy decided to go through years of self improvement making himself into a super hero, was used in order to

¹ Doutor em Ciências da Educação, Coordenador do Mestrado em Educação – MINTER – UNIPAR/UNESP e Professor Titular da UNIPAR – Campus – Umuarama.

² Mestre em História e Professor Universitário.

³ Graduado em História – UNIPAR – Umuarama.

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia – UNIPAR – Umuarama.

set a parallel between the history of the personage and the approach of this philosophy. the end of the process, showed that professional guidance contributes to minimize doubts, anxiety, and make the process of profession taking easily.

KEYWORDS: Batman; Existentialism; Imaginary; Comics.

INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII, com a revolução industrial e as transformações sociais que a sucederam, não só os aspectos econômicos foram alterados, mas conseqüentemente, os meios culturais sofreram grandes mudanças. Dentre essas mudanças, Coelho (1981) destaca o surgimento, especialmente a partir do século XX, de uma cultura feita em série, com o intuito de atingir um grande número, não como um instrumento de crítica do conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro: a cultura de massa. Esta nova manifestação cultural, segundo Coelho (1981), foi o desejo de atender à recém-nascida sociedade de consumo, por meio de uma também recém-nascida “Indústria Cultural”, ou seja, uma indústria para criar produtos culturalmente padronizados, que devem ser consumidos como se consome qualquer coisa, numa espécie de pré-confecção, feito para atender necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome.

Para Cirne (1972), as histórias em quadrinhos ocupavam uma posição central, como fonte de entretenimento, sendo uma das primeiras manifestações da cultura de massa, afinal, eram veiculadas diariamente, ou semanalmente, pelos jornais. Os quadrinhos, também, faziam parte de um importante segmento de agentes culturais que, até os anos 70, eram vistos, de acordo com Gramsci (1980), como instrumentos de conscientização ou como formadores de uma vontade coletiva nacional popular, desempenhando um importante papel no processo de transformação social.

A Resistência do Imaginário pelos Tempos

Desde Aristóteles (Séc. IV a.C.), os meios utilizados para se compreender a realidade perpassam pela análise lógica dos fatos. Assim, a subjetividade do imaginário e, conseqüentemente, das imagens, foram sendo gradualmente banidas da intelectualidade ocidental. Nas palavras de Durand (1998. p.12.), a imaginação: “[...] é suspeita de ser a amante do erro e da falsidade. A imagem pode se desnovelar dentro de uma descrição infinita [...] Incapaz de permanecer

bloqueada no enunciado claro de um silogismo [...]”. A posteriori, Galileu e Descartes fundaram as bases da física moderna. Apesar de ambos terem alterado alguns equívocos de Aristóteles, não contestaram seus objetivos filosóficos, como esclarece Durand (1998. p.12.): “A partir do século 17, o imaginário passa a ser excluído dos processos intelectuais [...] A imagem, produto de uma ‘casa de loucos’, é abandonada [...] e nunca ascenderá a uma dignidade de uma arte demonstrativa.”

Não podemos negar que, de certo modo, tenha sido esse processo gradual de banimento, que possibilitou um enorme avanço técnico. Contudo, a fixação de um pensamento, sem a representação das imagens, e uma rejeição dos valores e benefícios do imaginário, terminou por gerar uma resistência no próprio ocidente.

Durante a Reforma e Contra-Reforma religiosa, esta resistência à destruição do imaginário e ao iconoclasmo, esteve presente na produção musical protestante, que, por meio desta, manteve os benefícios do imaginário. Diferentemente, a igreja Católica, não se ateve à música, mas voltou toda a sua produção imagética nas representações sacras. No século das luzes, segundo Durand (1998), a compreensão do imaginário, como um “sexto sentido”, que possuía a faculdade de atingir o belo, criou ao lado da razão e da percepção costumeira, uma terceira via de conhecimento, permitindo a entrada de uma nova ordem de realidades, apresentada fervorosamente por meio das esculturas e pinturas deste período.

Mas foi com a descoberta da fotografia⁵, das técnicas cinematográficas⁶ e posteriormente da televisão⁷, que ocorreu a assim chamada “revolução do vídeo”, deixando a imagem acessível a toda uma gama de pessoas que antes não tinham aproximação com os meios artísticos clássicos.

Tanto os quadrinhos quanto o cinema, surgidos no final do século XIX, fundamentavam-se sobre uma narratividade e se expressavam semiologicamente por meio de imagens. Apesar de a imagem cinematográfica estar em movimento e ser considerada geralmente mais rica, segundo Cirne (1972), a imagem desenhada dos quadrinhos, pode ser mais complexa, devido à linguisticidade dos balões e das onomatopéias empregadas em sua criação.

⁵ Ver: (N. Niepce, 1823; J. Daguerre, 1837)

⁶ Ver: (A. e L. Lumière, 1885)

⁷ Ver: (B. Rosing, 1907; V. K. Zworykin, 1910-1927)

Os Super-Heróis dos Quadrinhos

O fenômeno dos Super-Heróis dos quadrinhos começou com o surgimento do Superman, em 1938. Antes dele, as histórias de ação, neste formato, contavam apenas as peripécias de personagens de aventura e ficção, desprovidos de “superpoderes”. Com o Superman, pela primeira vez, apareceram os superpoderes ou poderes sobre-humanos, causando uma reviravolta nesta mídia e fazendo dele um modelo a ser seguido para o desenvolvimento de outros Super-Heróis, dentre os quais, Batman.

Dois acontecimentos históricos colaboraram para a divulgação das histórias em quadrinhos e dos Super-Heróis. O primeiro deles foi o colapso econômico do entreguerras, que produziu uma série de mudanças na sociedade americana, que entrava num período de grandes dificuldades financeiras, causadas pela quebra da bolsa, em 1929. Segundo Hobsbawm (2001), nos anos pós-crise, a classe operária sofria os excessos impetrados para a reconstrução da economia dos Estados Unidos, por meio de subempregos e com milhões de desempregados. Neste período, os leitores enxergavam nos quadrinhos uma condição de vida desejável e ideal, alimentando também, o anseio de serem salvos pelos Super-Heróis. Como nos diz Maria M. Bibe-Luyten (1985. p.26): “A aventura indica um desejo de evasão e a criação de mitos, de heróis positivos. Revela novos modelos nos quais se inspirar para a conduta humana.” O segundo acontecimento histórico foi o advento da Segunda Guerra Mundial, que começou em 1939.

Quando a Alemanha de Hitler aparentava ser invencível na Europa e a América se preparava para combatê-la, heróis que no imaginário, não possuíam “superpoderes”, não eram mais suficientes para defender os ideais americanos contra a ameaça nazista. O imaginário coletivo necessitava de algum estímulo para a batalha. Segundo Cime (1970), quando os EUA entraram na guerra, os Super-Heróis já estavam lutando há tempos contra os malfeitores, divulgando uma ideologia patriótica.

Os Super-Heróis possuem algumas qualidades que permitem que sejam facilmente reconhecidos. Em primeiro lugar, a identidade secreta: com ela, esses personagens podem se misturar facilmente à população. Porém quando entram em combate são rapidamente identificados, principalmente por seus uniformes, colantes e com cores fortes.

Outras qualidades de fácil identificação são os superpoderes, que podem ser natos ou adquiridos. Como exemplo de poderes natos pode-se citar o Superman: um sobrevivente do planeta

Krypton, que foi mandado por seus pais, para viver na Terra. Seus poderes provêm da absorção de energia solar, concedendo-lhe superforça e supervelocidade, dentre outras habilidades. Como representante dos Super-

Heróis com poderes adquiridos, está o nosso objeto de pesquisa, o Batman. Nele podem ser observadas a força, a agilidade e a inteligência, adquiridas depois de anos de treinamento físico e intelectual. Porém, além dos superpoderes, a mais importante qualidade de um Super-Herói é seu ímpeto justiceiro, usando seus superpoderes e habilidades para garantir o bem-estar da sociedade, evitando ao máximo causar danos ou morte a qualquer ser vivo, mesmo que esse seja seu inimigo.

O Cavaleiro das Trevas

Batman ou “Cavaleiro das Trevas”, surgiu na revista “Detective Comic Magazine” n.º 27, em 18 de maio de 1939, pelas mãos do desenhista Bob Kane e do roteirista Bill Finger, em decorrência do enorme sucesso do Superman, em uma época chamada de “A Era de Ouro dos Super-Heróis”. Durante sua criação, Batman sofreu forte influência de um gênero de histórias que fazia grande sucesso nos anos 30, como as histórias sobre mistérios, policiais e detetives. As características violentas e sombrias do personagem advêm dessa influência, mas, esse fato não o impediu de se tornar um dos Super-Heróis mais famosos das histórias em quadrinhos.

Sua trajetória sempre foi envolvida pela tragédia e determinação. Com apenas oito anos de idade, Bruce Wayne, presenciou o assassinato de seus pais durante um assalto, ao voltarem de uma sessão de cinema. E este incidente redirecionou a vida do jovem.

Como o único herdeiro de todas as propriedades e da enorme fortuna dos Wayne, Bruce decidiu dedicar-se ao combate ao crime. Usando o dinheiro da família, viajou durante anos pelo mundo em busca de novas técnicas de conhecimento, de combate e defesa, se aperfeiçoando física e intelectualmente. Na minissérie A Espada de Azrael (Abril Jovem. Abril / 1996.), depois de questionado sobre como conseguiu resistir a um potente soro da verdade, Bruce diz: “Sinal de... juventude mal gasta! Enquanto os outros estavam caçando garotas e ouvindo rock... eu aprendia controle mental... de velhos estranhos em lugares distantes! Com nomes engraçados! Bem longe, além do oceano!”.

O personagem tornou-se assim, o maior detetive do mundo e um lutador praticamente inigualável. Assumindo a figura assustadora de um

morcego humano, Bruce transformou-se em Batman, representando para muitos dos seus inimigos um ser sobrenatural. Utilizando-se de suas habilidades, do medo que sua possível presença ocasiona aos criminosos, bem como da avançada tecnologia das indústrias Wayne, Batman criou um verdadeiro arsenal para ajudá-lo em sua “missão”, fazendo a si mesmo apenas uma restrição: nunca utilizar uma arma de fogo, pois foi com uma delas que seus pais foram assassinados. Batman emprega suas técnicas no combate ao crime na sua fictícia cidade natal, Gotham City, que se caracteriza como uma corrupta e sombria metrópole dos Estados Unidos. Apesar de não possuir superpoderes, fato que aparece nos quadrinhos como fonte de admiração até para o Superman, como se pode ver em Trindade (Panini Comics. Abril / 2004.): “Não posso deixar de admirar tanta coragem... eu sempre me pergunto se teria a mesma coragem se fosse um homem comum”, sua inteligência, equipamentos e principalmente o medo que impõe aos inimigos, podem ser considerados poderes sobre-humanos e, por isso, ele é um Super-Herói.

O Existencialismo

Com o final do século XIX se aproximando, acreditava-se no futuro e no progresso. As descobertas tecnológicas causavam deslumbramento na sociedade e aparentavam não ter nenhum aspecto prejudicial. O otimismo positivista trazia uma premissa de razão clara para uma parcela considerável de pensadores. Porém, com a chegada do século XX, o mundo parecia artificial e absurdo: o que antes era clareza, agora se tornara enigma e escuridão, surgindo os chamados fenômenos existenciais modernos. É nesse contexto que os filósofos, desde Kierkegaard até Sartre, trazem a proposta do Existencialismo para repensar essa existência, que agora é sentida de outra forma. Segundo Giles (1989), a temática existencialista iniciou-se de fato nas idéias de Kierkegaard e Nietzsche. Husserl trouxe o método: a Fenomenologia. Heidegger foi o primeiro a utilizar a Fenomenologia como método de análise, enquanto Sartre foi quem a popularizou.

A premissa básica dessa abordagem filosófica é a de que o homem é construtor de si mesmo e do mundo (existência precede a essência), é único, completamente livre, e sendo livre, responsável por suas escolhas, como explica Angerami-Camon (2002). Segundo ele, o existencialismo também considera que é a consciência de que a existência é absurda que nos leva em busca de realizações (emocionais, profissionais e outras) significativas na

vida de todo ser humano, é entendendo que a vida não tem sentido que se vai à busca de um sentido para ela.

Seu método é a fenomenologia, ou compreensão do fenômeno pelo fenômeno, ou seja, visa o entendimento do indivíduo a partir dele mesmo. Ele é o melhor intérprete de suas emoções, conforme Erthal (1989). Angerami-Camon (2002) acrescenta que o Existencialismo possibilitou uma nova forma de pensar a realidade humana, a partir daquilo que é mais inerente ao ser humano: a existência.

Apesar de, para essa corrente de pensamento, a existência preceder a essência, etimologicamente ocorreu o contrário e foi a essência que primeiro surgiu enquanto palavra. Existência significa, em sua origem, mostrar-se, exibir-se, movimentar-se para fora, e a palavra essência é anterior, pois quando os latinos meditavam, eles diziam estar pensando na essência da coisa. Foi só muito tempo depois que o termo existência surgiu, e denomina-se existencialista a filosofia que diretamente possui reflexões sobre a existência humana.

No início, as palavras de Kierkegaard e Nietzsche (os primeiros pensadores do tema existencialista) ficaram por certo período isoladas no espaço e no tempo e, somente depois da primeira grande guerra, com a obra de Heidegger, discípulo de Husserl, que o Existencialismo alemão foi criado. Posteriormente, segundo Angerami-Camon (2002), no contexto da Segunda Guerra, surgem as obras de um novo pensador existencialista, também influenciado por Husserl: o francês Jean Paul Sartre, que acaba criando novas vertentes para o Existencialismo e se tornando um de seus principais expoentes.

O movimento existencialista propagou-se rapidamente e passou a ser identificado não só como uma doutrina filosófica, mas, também, como um estilo de vida que pregava a liberdade. Devido a isso, os filósofos existencialistas foram acusados de defenderem idéias dissolventes e se preocuparem com o lado indecente da existência humana. Para Angerami-Camon (2002), os principais existencialistas eram na sua maioria ateus e negavam o sentido da existência de Deus em suas obras. A grande exceção é Kierkegaard, um cristão protestante. Em consequência, o existencialismo é, erroneamente, muito confundido como uma vertente do ateísmo.

Batman e o Existencialismo

A premissa básica do existencialismo é de que “a existência precede a essência” o que significa dizer que o homem precisa escolher, a cada momento, o que será no momento seguinte,

e a única liberdade que não tem é a de deixar de escolher. Sartre denomina “projeto original” a escolha que o indivíduo faz sobre si próprio, que é a matriz dos demais projetos, determinando, assim, as ações e sentimentos. Segundo Erthal (1989), há uma coerência entre o comportamento do indivíduo e a escolha desse projeto original.

O projeto original de Bruce tem um nome: Batman, que, como citado anteriormente, foi a identidade criada por ele para combater o crime após uma grande e traumática tragédia pessoal, o assassinato de seus pais. Para tanto, tornou-se um perito em várias técnicas de combate e perseguição.

Na revista Batman - Ano Um (Abril Jovem, abril 2002) o assassinato dos pais representou para Bruce a perda do sentido da vida, mas, na verdade, foi esse fúnebre acontecimento que lhe permitiu sair da alienação, ou seja, tornou-se consciente de que a existência era absurda. Essa consciência pôde levar à busca de realizações significativas, com o intuito de promover sentido à própria existência. “O sentido da vida é a propulsão capaz de levar o homem a horizontes sequer atingíveis pela razão.” (Angerami-Camon 2002 pág. 22). Para dar sentido à vida, Bruce atingiu horizontes incríveis, tornando-se um Super-Herói. Mesmo não possuindo poderes natos, como os do Superman, ele buscou meios e “se fez” Batman. Segundo Erthal (1989), “ser é agir”, ou seja, “fazer-se” é realizar uma autotransformação, a consciência define-se como ação, assim a consciência de Bruce tornou-se Batman.

O homem é o que projeta ser e não existe antes desse projeto, a consciência elabora uma espécie de lista de preferências e a opção por este ou aquele projeto está vinculada a essa valorização, que faz da consciência reflexiva uma consciência moral, já que para valorizar é necessário refletir e julgar. Batman é a prática dos valores de Bruce, é o que ele acredita, o que julga correto e melhor. Um dos exemplos disso é que Batman valoriza muito mais a “justiça”, àquilo que a sociedade considera “justo” e não hesita em violar as “leis”, desde que isso seja um meio de promover a justiça. Podemos observar esses fatores nas Histórias: Brinquedo Favorito (Batman - Anual, n. 5. Abril Jovem, dezembro de 1996), e, também, em Levado ao Túmulo (Superpows, n. 26. Abril Jovem, novembro 1992.). Na aventura Brinquedo Favorito, depois de dismantelar um grupo de arrombadores de mansões, Batman descobre onde estão os produtos roubados. Chegando ao local, encontra um homem, que diz ter guardado a mercadoria, mediante um pagamento. Ele confessa que fez tudo pelos filhos, e que foi ele mesmo quem denunciou a quadrilha para a polícia. Batman decide

não fazer nada contra ele, avisando-o que isso não deveria mais voltar a acontecer. Vê-se aqui, Batman diferenciando os conceitos lei e justiça, ao não levar o homem a julgamento, por não considerá-lo uma ameaça à sociedade, mesmo tendo ele violado a lei. Na aventura Levado ao Túmulo, Batman invade um necrotério e é surpreendido pelo guarda que diz: “... você tem que respeitar a lei!”, ao que Batman responde: “A lei leva tempo, guarda... e tempo é algo que eu não tenho!”, aqui Batman não interrompe sua investigação, mesmo que para isso precise invadir um prédio público e fazer ele mesmo a autópsia no corpo da vítima, alegando em sua defesa que os meios “legais” são muito demorados e que ele precisa de mais velocidade.

Bruce tem grande consciência de que a vida que leva é fruto de suas escolhas e, para mantê-la, abre mão de outras possibilidades. Realiza questionamentos de como seria sua vida se suas escolhas tivessem sido outras “Eu sacrifiquei muitas coisas para agir como Batman... Mas que tipo de homem eu teria me tornado se as coisas tivessem sido diferentes?” (Batman – Guerra ao Crime. Abril Jovem, abril 2000). Esse “querer-ser Batman” de Bruce origina-se da recusa do que fizeram a ele, ele não quer ser apenas um membro da alta sociedade, sem nenhum comprometimento social, ou uma vítima do mundo do crime, ele quer impedir que sua tragédia pessoal se repita com outras pessoas, quer fazer a “diferença”.

O homem não é, ele se faz. De acordo com Almeida (1991), o homem possui condições até de interferir no passado, o significado dos dias vividos não é imutável, é possível, por meio de atitudes, fazer com que o passado mude de significado, para Bruce isso acontece quando ele diz: “Nos meus mais sombrios momentos, eu sou atormentado pela idéia de que o assassinato dos meus pais foi a melhor coisa que já me aconteceu. Cnicamente, digo a mim mesmo que isso deu à minha vida um destino e os meios para realizá-lo.” (Batman – Guerra ao Crime. Abril Jovem, abril 2000).

É o próprio homem que busca um sentido de significação próprio para a sua existência, conforme Angerami-Camon (2002), ao falar com um menino, que, como ele, também perdeu os pais, Batman diz: “Não são tanto as tragédias que definem nossas vidas, mas sim as escolhas que fazemos para lidar com elas...” (Batman – Guerra ao Crime. Abril Jovem, abril 2000). Em Batman – Dia das Bruxas, ele diz “Na noite em que meus pais foram tirados de mim, eu fiz a escolha. Sem dúvida alguns de meus desejos podem não se realizar... mas muitos outros são satisfeitos. Isso é... uma boa escolha” (Batman – Dia das Bruxas,

Abril Jovem, outubro 1995. sic).

Segundo Almeida (1991), outra implicação de o homem ser livre e “fazer-se” é o fato de ter responsabilidade por toda a humanidade, já que, “fazendo-se”, não há valores morais dados a priori, ou seja, o homem responde a valores morais que ele mesmo construiu e é, assim, completamente responsável por eles.

Como Batman, Bruce parece sentir vivamente essa responsabilidade, demonstrando grande comprometimento com os valores morais que possui, atuando no combate ao crime, e com isso contribuindo para a melhora de toda a sociedade.

O que os existencialistas dizem sobre o mundo e a realidade refere-se à relação que o homem estabelece com essa realidade, já que a observação do mundo só ocorre pela consciência, pois a consciência e o fenômeno não podem existir separados um do outro. Assim, entende-se que as características da consciência de Bruce fizeram com que ele lidasse com o fenômeno do crime de um modo particular, acreditando que todos os criminosos são supersticiosos e covardes, e que pelo sofrimento que o crime lhe trouxe, toda forma de injustiça deve ser punida e esse seu entendimento sobre o crime e a justiça o leva a agir como um justiceiro.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que, apesar de o personagem Batman não haver sido construído a partir da filosofia existencialista, ainda é claramente perceptível o paralelo traçado entre esta linha de pensamento e a cronologia quadrinizada do personagem. Além da associação do existencialismo com o personagem Batman, permitir demonstrar diversos pontos de reflexão entre si, colaborando dessa forma para uma melhor compreensão psicológica deste, trouxe o entendimento de que Batman possui uma “existência”, portanto, dentro de um tempo-espaco, possui as características de um ser existente, podendo ser analisado sob a luz do existencialismo.

Ficou caracterizado, neste breve estudo, que os meios de construção de um discurso quadrinizado constituem-se do imaginário coletivo e da imagem, oportunizando a realização de uma análise em torno das representações filosóficas desses personagens.

Afinal, segundo Cirne (1982. p.11): “Não existe quadrinhos inocentes [...] As histórias em quadrinhos procuram ‘ocultar’ sua verdadeira ideologia através de fórmulas temáticas [...] fazendo da redundância [...] o lugar de sua representação”.

REFERÊNCIAS

A ESPADA de Azrael. n. 2. Abril Jovem, abr. 1996.

ALMEIDA, F. J. de. **Sartre: é proibido proibir.** São Paulo: FTD, 1991.

ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **Psicoterapia existencial.** São Paulo: Pioneira, 2002.

BATMAN. Anual. n. 5. Abril Jovem, dez. 1996.

BATMAN. a. 1, Abril Jovem, abr. 2002.

BATMAN. Dia das Bruxas. Abril Jovem, out. 1995.

BATMAN. Guerra ao crime. Abril Jovem, abr. 2000.

BIDE-LUYTEN, M. M. **O que é história em quadrinhos.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CIRNE, M. **A explosão criativa dos quadrinhos.** Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Para ler os quadrinhos.** Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Uma introdução política aos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Angra/Achiamé, 1982.

COELHO, T. **O que é indústria cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ERTHAL, T. C. S. **Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia.** São Paulo: EPU, 1989.

GRAMSCI, A. **Maquiavel: a política e o estado moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HOBBSAWN, E. **Era dos extremos.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SUPERPOWES. n. 26. Abril Jovem, nov. 1992.

TRINDADE. n. 3. Panini Comics, abr. 2004.